

EXPERIÊNCIA DE GESTORES, FUNCIONÁRIOS, FAMILIARES, CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM UMA INSTITUIÇÃO NÃO FORMAL DE CAMBORIÚ/SC

Vanessa Macagnan¹

Mariléia Mendes Goulart²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender qual o papel das instituições não formais de educação na formação integral de crianças, adolescentes, familiares e educadores que utilizam tal espaço. E como objetivo específico, destacam-se identificar a forma com que os trabalhos educacionais nesses espaços geram transformações no sujeito e na sociedade; identificar as metodologias que são utilizadas na rotina diária da instituição; descrever as experiências mais significativas dos sujeitos e identificar como se dá a relação entre familiares, educadores, crianças e adolescentes. A pesquisa constitui-se em pura e empírica, de forma exploratória e descritiva, realizada em uma instituição de educação não formal do Município de Camboriú/SC. Como método para coleta de dados, foi utilizada a aplicação de uma entrevista e quanto a análise, de uma abordagem dialética. Após análise das respostas obtidas a partir da entrevista, foi possível perceber a importância dos espaços não formais de educação para a sociedade, pois são instituições que buscam atender crianças e adolescentes, oferecendo diversas atividades educacionais e culturais, favorecendo-os no processo de ensino-aprendizagem, não obstante sejam espaço ainda pouco vistos e valorizados pelo Poder Público.

Palavras-chave: Educação. Educação não formal. Projeto social.

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que todos os indivíduos possuem direito à educação, sendo fundamental para seu desenvolvimento. Além disso, certamente que uma educação de qualidade transforma vidas e favorece o sujeito em sua totalidade e perante o meio social. Não obstante, por diversos fatores, nem sempre todos têm acesso à educação, mesmo sendo garantido por lei como direito de cada cidadão e dever do Estado.

Quando se fala em educação, automaticamente se remete a escola, também chamada de espaço formal de educação, lugar que possibilita acesso ao estudo e ao direito legal de estudar, e que todas as crianças e adolescentes deveriam frequentar.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Pedagógica, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: vanamacagnan@gmail.com

² Professora do curso de Licenciatura em Educação Pedagógica, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: marileia.goulart@animaeducação.com.br.

Porém, existem, ainda, outros espaços educacionais, denominados não formais, que oferecem acesso à cultura, esporte e lazer, isto é, outras possibilidades de aprendizagem.

Os espaços não formais de educação promovem diversas práticas socioeducativas, contribuindo para a formação do sujeito. Trata-se de uma oportunidade oferecida àquelas pessoas que dificilmente conseguiriam outra forma de acesso à cultura, música, esporte e lazer. Dentro de tais espaços ocorrem diversas aprendizagens que auxiliam no desenvolvimento de crianças e adolescentes. É como um abrir de horizontes, que proporciona novas descobertas e novos conhecimentos, levando estes indivíduos, muitas vezes, a um resgate de sua própria autoestima, de modo a encontrar sua identidade e lugar no mundo.

Pensando nos espaços não formais e para nortear a pesquisa, delinea-se como problema: qual o papel de uma instituição não formal de educação para a formação integral dos sujeitos, crianças e adolescentes, familiares e educadores que utilizam este espaço?

Diante do tema, tem-se como objetivo geral compreender o papel das instituições não formais de educação na formação integral dos sujeitos, crianças e adolescentes, familiares e educadores que utilizam este espaço. Especificamente, os objetivos são identificar a forma com que os trabalhos educacionais de espaços não formais geram transformações no sujeito e na sociedade; identificar as metodologias que são utilizadas na rotina diária da instituição; descrever as experiências mais significativas dos sujeitos e identificar como é promovida a relação entre familiares, educadores, crianças e adolescentes.

Em relação ao percurso metodológico, a pesquisa constitui-se em pura e empírica, de forma exploratória e descritiva. Como método para coleta de dados, utilizou-se de entrevista e quanto a análise, de uma abordagem dialética.

O campo de pesquisa foi a instituição “O Grupo Socioeducacional e Cultural Latarte”, situada na cidade de Camboriú/SC, existente desde 2006 atendendo crianças e adolescentes entre 4 (quatro) e 17 (dezessete) anos com o intuito de desenvolver a prática socioeducativa por meio da arte. Para a amostra, foram entrevistadas 12 (doze) pessoas, quais sejam a gestora da instituição, uma professora, três mães de crianças e adolescentes que frequentam o instituto, quatro crianças integrantes da instituição, duas ex-integrantes e a psicóloga.

O artigo encontra-se dividido em duas partes principais. Enquanto a primeira traz referenciais teóricos acerca dos aspectos formais e não formais da educação, a segunda parte apresenta os resultados da pesquisa e suas análises. Ao final, são tecidas algumas considerações finais.

2 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS AO ALCANCE DE TODOS

2.1 EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

A educação é algo primordial na vida de todo ser humano. É a educação que abre a visão para entendimento e compreensão, é o que torna os seres capazes de reflexão e criticidade e é o que retira os indivíduos do senso comum para o senso crítico. Em suma, é a educação que transforma o sujeito e, por consequência, a sociedade. E justamente por isso a escola tem um papel fundamental na vida de todo indivíduo, abrindo uma porta para novos horizontes.

É possível dizer, assim, que a escola é um espaço formal de educação, uma vez que ocorre num espaço sistematizado, favorecendo a construção do conhecimento. Por sua vez, a educação não formal é constituída fora do ambiente escolar, onde são ofertadas diversas atividades promovendo a formação do sujeito. Acerca da diferenciação entre ambos os institutos, Gohn (2006a, p. 2-3) traz:

A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

Veja-se que a autora supracitada deixa claro a importância dos espaços não formais de educação, porém, em momento algum descarta o papel fundamental da escola na vida de todo indivíduo.

Por ser algo ainda novo, alguns educadores enxergam tais espaços como assistencialistas, e não como educacionais. De fato, ainda existe um certo preconceito com os espaços não formais de educação. Para Gohn (2009, p. 32):

A educação não-formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos. Esta formação envolve aprendizagens tanto de ordem subjetiva-relativa ao plano emocional e cognitivo das pessoas, como aprendizagem de habilidades corporais, técnicas, manuais etc., que os capacitam para o desenvolvimento de uma atividade de criação, resultando um produto como fruto do trabalho realizado.

É de almejo geral uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todas as pessoas possam usufruir de seus direitos, especialmente os direitos básicos de moradia, segurança, educação e lazer, porém, sabe-se que nem sempre é assim. Isso se dá em razão de o Brasil ser um país que carece de políticas públicas de qualidade, que alcancem a todos os sujeitos. Sem dúvida, são inúmeros os indivíduos vivendo em péssimas condições.

No Brasil, existe um dos maiores índices de desigualdade social, e se tratando de educação, é evidente que as famílias de baixa renda são as menos favorecidas. Seja pela falta de conhecimento dos pais, pelo fato de que os indivíduos pertencentes às famílias carentes precisam começar a trabalhar desde cedo, dentre outros, é certo que são diversos os fatores que influenciam as crianças e os adolescentes a estarem fora do espaço escolar.

É nesse contexto que se destacam os espaços não formais de educação. Segundo Esteves e Montemór (2011, p. 112):

[...] é inegável, que os espaços de educação não-formais conseguiram estender essas oportunidades educativas a milhares de criança, adolescentes e jovens, em particular às pobres, que a não ser por estas novas vias, não teriam tido acesso aos saberes acumulado pela humanidade, ao lazer, aos esportes, às artes, e às inovações tecnológicas.

Desta forma, entende-se a importância dos espaços de educação não formais na vida de cada indivíduo, principalmente na promoção de oportunidades para que possa haver mudança dentro de si e do espaço familiar, uma vez que, é certo que cada proposta bem adquirida e vivenciada gera transformação.

2.2 A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COMO AMBIENTE QUE PROPORCIONA FORMAÇÃO HUMANA E CULTURAL

Quando se fala em espaços não formais de educação, logo se pensa em diversas crianças e adolescentes experimentando oportunidades. É para este processo de socialização e para este estar no mundo contribuindo com todos os dons e capacidades que cada ser humano tem, que tais espaços são oferecidos. Cada sujeito precisa descobrir seu valor e a importância de sua existência. Se cada pessoa tiver acesso à educação e ao conhecimento, é certo que mais cidadãos transformados, conscientes e críticos se farão presente no meio social.

Para Gohn (2016, p. 65), os espaços não formais de educação complementam os espaços formais de educação. Veja-se:

Entende-se a educação não formal como aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Sob hipótese alguma, ela substitui ou compete com a educação formal escolar. Poderá ajudar na complementação desta última, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizada no território de entorno da escola. A educação não formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, conforme a forma e os espaços onde se desenvolvem suas práticas, a exemplo de um conselho ou a participação em uma luta social.

Como forma de compreender melhor os espaços educacionais não formais, parte-se da ideia de que a educação está presente em vários ambientes, não se restringindo apenas ao espaço escolar. É o que se extrai do ensinamento de Brandão (2007, p. 17):

Em todo o tipo de comunidade humana onde ainda não há uma rigorosa divisão social do trabalho entre classes desiguais, e onde o exercício social do poder ainda não foi centralizado por uma classe como um Estado, existe a educação sem haver a escola e existe a aprendizagem sem haver o ensino especializado e formal, como um tipo de prática social separada das outras.

Assim, se existe educação, pode-se dizer que existe formação humana, pois estão interligadas. As atividades ofertadas em ambientes educacionais não formais são pensadas visando a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades tanto das crianças como dos adolescentes, e muitos desses espaços possuem acompanhamento de pedagogos e psicólogos que elaboram diversas atividades educacionais, auxiliando o processo de aprendizagem daqueles que os frequentam.

Para Libâneo (2010), onde haja ensino, sendo escolar ou não, existe a educação formal. Ainda, o autor se refere à educação não formal como aquelas

atividades com carácter intencional, porém, com pouca estruturação, sistematização, implicando relações pedagógicas não formalizadas.

Outras atividades bastante comuns existentes nas instituições de espaços não formais de educação é a música, dança, teatro, etc. Tocar um instrumento, cantar ou dançar são atividades recheadas de possibilidades de aprendizagem, que além de levarem cultura para a vida das crianças e adolescentes, oportunizam também a criação de disciplina, criatividade, percepção de si e do espaço, entre outros, pois a arte está muito ligada com a sensibilidade, ajudando na expressão de emoções e sentimentos.

3 EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: OLHAR DO GESTOR, FUNCIONÁRIOS, DAS FAMÍLIAS E DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Em comparecimento à instituição “O Grupo Socioeducacional e Cultural Latarte” no dia 3 de maio do ano corrente, procedeu-se a uma conversação com a equipe gestora, mediante apresentação do projeto e das intenções inerentes. Com a equipe, restaram definidos os sujeitos da pesquisa, bem como o local. Na mesma visita, foram apresentados todos os espaços do instituto e as atividades que são ofertadas para aqueles que ali frequentam. Ao final, as entrevistas foram agendadas para os dias 11 e 13 de maio.

Ao todo, foram entrevistadas 12 (doze) pessoas: a gestora da instituição, uma professora, três mães de crianças e/ou adolescentes que frequentam o instituto, quatro crianças integrantes da instituição, duas ex-integrantes e a psicóloga.

3.1 O OLHAR DA GESTORA

Uma conversa gravada e posteriormente transcrita deu início à pesquisa. A primeira entrevista se deu com a gestora e idealizadora do instituto, de nome Rose, sendo assim identificada ao longo da pesquisa.

Solicitada a falar sobre a história da instituição, a profissional relata: “Foi aproximadamente em 2003, eu era a responsável pelo coral municipal de Camboriú, nas aulas de coral prática também havia as teóricas, então a gente trabalhava com eles as partituras, a melodia, o ritmo, e a harmonia. Só que eles tinham muita

dificuldade na parte rítmica, porque no coral eram só vozes não tinha nenhum instrumento que pudesse estar facilitando esse aprendizado para eles. Então eu procurei na época a secretária de educação para gente montar uma fanfarra para escola, só que não havia um orçamento específico e outra que a cultura da nossa cidade é de ter uma única fanfarra para a cidade inteira”. (ROSE).

Veja-se que assim nasceu a instituição. A sensibilidade da atual gestora em perceber que era necessário mais do que cantar e que faltava àquelas crianças e adolescentes a compreensão do mundo pela leitura e escrita, além das materialidades para organizar uma fanfarra, proporcionou a busca por parcerias.

É válido lembrar que o Estado como um todo precisa pensar políticas públicas que deem sustentabilidade para práticas sociais além da escola, até porque o tempo escolar é bastante limitado em relação a carga horária e atividades complementares.

Diante das impossibilidades, a gestora conta que pediu às crianças e aos adolescentes que trouxessem objetos que tivessem em casa, tais como latas, lixeiras grandes, cabos de vassoura, etc., e, com isso, foi surgindo as aulas, de forma criativa e lúdica. Conta: “Eu explicava para eles através das batidas”. (ROSE).

Ainda, menciona: “E eu falo até hoje essa nossa região aqui, nossas crianças/adolescentes quanto mais carentes, quanto mais inexistente o incentivo na parte educacional quanto acesso a parte digital, livros, reforço, acesso a museus, espaços culturais, mais ainda eles são criativos porque eles buscam alternativas que não são acessíveis a eles. Ou seja, o que eu quero dizer com isso, a criatividade deles, o talento deles é transformado naquilo que é acessível”. (ROSE).

Sua fala é tocante e comove. O cuidado que a gestora proporciona ao ser humano, além de sua vulnerabilidade e capacidade, incentiva o envolvimento no contraturno das aulas. Ela enxerga as necessidades. Relata: “E eles não são músicos, eles são crianças/adolescentes que estão aqui no contraturno escolar para que não estejam vulneráveis a situações de risco que é uma das características mais fortes aqui do bairro monte alegre. E nós estamos exatamente, o Latarte está exatamente na divisa do bairro monte alegre com o bairro conde vila verde, então o que aconteceu? As músicas começaram a aparecer tipo assim, de uma semana para outra, aí na época eu tinha mais tempo né, eu disse olha a gente vai começar a ficar depois da aula, vamos treinar esse negócio”. (ROSE).

A gestora permanece depois do horário das aulas do coral para ensaiar as latas com as crianças e os adolescentes. E ela expõe que foi muito rápido para começarem

a formar músicas, fato que foi chamando a atenção das pessoas. Então ela conta: “Aí eu pedi que a gente tocasse na semana cívica, se eu não me engano foi em 03 de outubro de 2005 ou 2006, nunca parei realmente para ver ela certinho. E foi aqui no CAIC, eu implorei, eu disse olha deixa a gente fazer uma apresentação, e todo mundo ficou com medo, meu Deus essa guria é louca né, sempre apresenta com o coral, e o coral já era lindo, mas um monte de lata pensa o barulhão que vai ser. E eu implorei, eu disse confia em mim, eu preciso de uma música um minutinho só, me deixem tocar uma música”. (ROSE).

A gestora continua a relatar de forma entusiasmada o início da história da instituição: “Gente pensa aquelas autoridades com os olhos arregalados, vendo aquelas crianças/adolescentes com latas de tinta vazia cabo de vassoura na mão, e uma louca virada de costas né, porque eu disse vou virar de costas para eles, porque eu não quero nem ver a cara dessas autoridades se não eles vão me tirar daqui né, vai que me interrompam. Guria, tocamos e tu pensa que quando acabou eu virei todos eles de pé chorando, emocionados, todas aquelas crianças/adolescentes, professores aplaudindo, foi maravilhoso. Depois daquela data toda semana a gente tinha convite para apresentação, era duas ou três vezes por semana chamavam as crianças/adolescentes para tocar”. (ROSE).

Cerca de 1 (um) ano depois, foi demitida, porém continuou ensaiando com aproximadamente 70 (setenta) crianças todos os dias. Diante da nova realidade, ela começou a procurar um lugar em que pudesse estar com as crianças e os adolescentes. Com isso, foi então apresentada para a dona do espaço, que na época prestava trabalho assistencialista servindo sopa às pessoas necessitadas.

Nesse período, a gestora conta que permanecia com as crianças e os adolescentes todas as tardes, entre as treze e dezenove horas. E fala: “Daquele momento em diante a gente começou acrescentar né, a gente ensaiava muito começou a aumentar o nosso repertório de músicas, todo mundo sabia que a gente não tinha parado né, as pessoas que me ligavam olham onde é que vocês estão? Eu soube que você não está mais no município, não é mais funcionária pública. E eu comecei a passar o endereço as pessoas vinham aqui visitar, olhar, tirar fotos, enfim, ali nesse momento eu já mantinha algo que eu tinha como acordo com as crianças/adolescentes quando eram alunos do coral. Eu já pedia, eu já exigia que eles mantivessem a qualidade o índice de média escolar, não era nada que a escola pedia, mas eu sempre entendi que tudo que é extracurricular, ela tem que ajudar ser uma

alavanca, um incentivo para a criança/adolescente melhorar, manter a média, dar continuidade na escolaridade” (ROSE).

Com a ajuda das crianças e dos adolescentes, a gestora definiu e registrou o nome da instituição como “Latarte”, que significa “lata com arte”. Porém, a fim de atender as necessidades, com o tempo passou a incluir nas atividades ofertadas o reforço escolar, conforme relata: “Aí o que que aconteceu, de lá para cá a gente começou a inserir além do apoio as tarefas, o auxílio, o reforço, a leitura com livros apropriados de literatura mesmo, pessoas traziam doação de computadores, de livros, de material didático, e começou a crescer a instituição até onde estamos hoje”. (ROSE).

Sempre muito focada e preocupada com o aprendizado dos educandos na escola, descreve: “Então todos os projetos que a gente faz, o primeiro que eu me dedico a dar a maior excelência possível é a parte educacional, então hoje nosso maior resultado quantitativo é as médias escolares. A gente inclusive tem gráficos de resultados, todos os anos a gente junta porque o que mede aferição desse quantitativo são os boletins, nem sempre a escola envia para nós, então a gente pede que os pais encaminhem e a gente faz os gráficos de resultados”. (ROSE).

Questionada sobre a importância atual dos espaços de educação não formal na vida das famílias e das crianças e adolescentes, a gestora relata a percepção da instituição em distribuir o material necessário para os integrantes que frequentam a instituição, uma vez que pertencem a grupos familiares muito carentes. Veja-se: “Quanto as famílias em relação a esse espaço educacional é justamente isso, é incentivar, inclusive o material que a gente tem, a gente manda pra casa, o que a família tem que fazer com as criança/adolescente s, porque os pais não tem tempo de ensinar, muitos pararam de estudar então também não conseguem, nem que quisessem saberiam ensinar as criança/adolescente s, mas o próprio hábito de incentivar eles não conseguem, e isso a gente trabalha com eles aqui através das palestras nas reuniões, e as conversas que a gente sempre tem com eles aqui, a respeito da importância sobre isso”. (ROSE).

Esse espaço educacional é focado no ensino-aprendizagem. Logo, tanto a família como os educandos são atendidos num todo, para que o percurso educacional seja concreto em suas vidas. A gestora narra: “Então a nossa dedicação é dar para eles aquilo que ninguém, nunca na vida, jamais vai poder tirar deles, e não é a roupa que eles ganham aqui de doação, não é o calçado que eles ganham de doação, não

é o brinquedo que eles ganham no dia das crianças, tudo isso pode ser tirado, a cesta básica acaba, o que ninguém nunca vai tirar da vida deles o conhecimento. Isso é o que eles vão levar para o resto da vida, e é uma pérola na mão deles, eles vão poder fazer o que eles quiserem”. (ROSE).

Além do conhecimento, a questão das escolhas também é muito trabalhada na instituição. Isso porque não é por pertencerem a uma família de baixa renda, que as crianças e os adolescentes estarão condicionados a viver sempre naquela situação. Conforme relato: “Aí a gente também trabalha a questão de escolhas, quais escolhas você vai fazer, não se vitimizar, a gente trabalha muito a questão da vitimização, de novo voltando porque eu sou do bairro, não é porque alguém te olha de cima pra baixo que você tem que se sentir uma vítima, não, eu não sou uma vítima. Se eu quiser eu vou ser, isso é uma questão de escolha minha, também não posso, nem preciso ser arrogante, eu posso e preciso entender que eu sou igual a todos, porque o sol nasceu para todos, só preciso eu decidir se eu quero ficar no sol ou na sombra”. (ROSE).

Veja-se que na resposta acima a profissional enfatiza que o espaço é focado no ensino-aprendizagem e que isso é levado não somente para os educandos, mas também para toda a família atendida no local. O grupo familiar precisa participar da vida das crianças e dos adolescentes e de tudo aquilo que é vivenciado na instituição. Nessa perspectiva, a gestora coloca a importância de se trabalhar com os alunos para que não se vitimizem, mas sim, busquem crescer e se desenvolver para alcançar seus maiores sonhos. Para Gohn (2009, p. 34):

Todas as atividades desenvolvidas pelo Educador Social devem também buscar desenhar cenários futuros, os diagnósticos servem para localizar o presente, assim como para estimular imagens e representações sobre o futuro. O futuro como possibilidade é uma força que alavanca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças. A esperança fundamental aos seres humanos, reaviva-se quando trabalhamos com cenários do imaginário desejado, com os sonhos e os anseios de um grupo.

Diante das impossibilidades vividas, mas, sobretudo, da persistência encontrada, questiona-se a ela qual a maior dificuldade encontrada na gestão do espaço atualmente. Sem pensar duas vezes, menciona a falta de recurso. Completa: “Famílias carentes. Nós ofertamos aqui o máximo de qualidade que a gente consegue. Instituições sem fins lucrativos dificilmente você consegue doações em dinheiro, geralmente a doação vem em forma de material, chegam aqui os cadernos, chegam aqui o arroz, o feijão, a roupinha para uma criança/adolescente que precisa, um

computador que já está meio usado, as vezes chega até um novo, chega em material, dinheiro não chega”. (ROSE).

E continua: “A gente recebe recursos por meio de convênios, só que esses recursos são muito específicos, você pede especificamente na área pedagógica, ou especificamente para área da cultura e ela não cobre várias situações que a casa precisa, desde encargos financeiros, gás, água, luz, internet, telefone, vários materiais que a gente proporciona para as crianças/adolescentes, inclusive o uniforme”. (ROSE).

Sobre o uniforme, diz que foi uma necessidade para que as crianças e os adolescentes se sentissem iguais, porque muitos não tinham roupa e nem calçado para ir até a instituição. Ela, continua: “Hoje temos dois grandes problemas financeiros, primeiro, gastos com alimentação e depois, gastos com os recursos pedagógicos”. (ROSE).

Ainda, menciona: “Antes do almoço sempre foi o material pedagógico, era o maior gasto da casa. Depois passou a alimentação, então hoje o material pedagógico é o segundo maior gasto da casa, justamente porque a gente oferta tudo o que eles precisam, e foi exatamente isso que foi cortado do fundo da infância e do adolescente, por quê? Qual foi a justificativa? [...] eles não entendem a importância do profissional que trabalha aqui, e do quanto tudo que é ofertado das pessoas que estão amparados por nós precisam ter, eles acham que instituições é dar uma bola e comida para uma criança? E o futuro dela? Como é que fica? Então uma das maiores justificativas deles é porque a gente não é ensino regular, a gente não precisa dar material, mas se é contraturno, se o ECA diz que é direito, lazer, educação, qualidade de vida, como que essa criança/adolescente chega numa escola sem uniforme, praticamente descalço, passando frio, na frente de todos os colegas ele não conseguiu levar o trabalhinho porque o pai tinha que escolher entre comprar o pão, ou o material para a maquete, onde é que está isso? [...]. Será que a escola consegue dar reforço escolar para cada uma das crianças/adolescentes? Ou empurram porque a média, o índice de reprovação não pode passar de três ou de quatro se não o valor do fundeb diminui. Vamos pensar em seres humanos, o que eu estou oferecendo para eles?”. (ROSE).

A gestora também comenta que a instituição recebe auxílio da iniciativa privada, porém, que os empresários já estariam cansados de cumprir um dever que, em verdade, cabe ao Poder Público.

Percebe-se pelo desabafo da gestora que falta muito investimento do Poder Público nas instituições de educação não formais. Não obstante seja assegurado por lei, constantemente faltam verbas para tais espaços que buscam contemplar as crianças e os adolescentes com aquilo que é de seu direito. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069/90) estabelece em seu artigo 4º que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Hoje a instituição acolhe cerca de 150 (cento e cinquenta) educandos em contraturno escolar, oferecendo educação e cultura por intermédio de suas atividades. Além disso, existe uma fila de espera em torno de 200 (duzentas) novas crianças e adolescentes, que são chamadas não pela linha de tempo, mas pela sua vulnerabilidade. Certamente, se existisse um maior apoio do poder público, tal fila não teria o grande número de indivíduos em espera.

Saindo da lógica das dificuldades, questionada acerca de como as ações realizadas na instituição contribuem para que as pessoas tenham mais espaço na sociedade ou exerçam de fato sua cidadania, imediatamente responde que dentro da instituição todos os sujeitos têm a oportunidade de dar voz e vez, a quem esse público realmente é, um público sem voz e nem vez. E continua: “Aqui nós temos a oportunidade de fazer parcerias com faculdades, com universidades, com profissionais de diferentes áreas, psicólogos, fonoaudiólogo, advogados que possam estar trazendo palestras, trazendo informação, acesso à informação, isso faz todo um diferencial justamente naquilo que a gente falou, para que eles saiam do surreal e entendam que existe uma possibilidade, e eu sempre digo que nós somos transformadores, nós somos aqui uma fábrica “de sonhos, a gente precisa ensiná-los a sonhar e dar esse suporte para que eles saiam do sonho para a realidade, então a gente gera essa ponte entre pessoas que possam trazer, instituições que possam trazer acesso aquilo que eles possam se tornar”. (ROSE).

A profissional se emociona ao falar das crianças e dos adolescentes que frequentaram o Latarte, e que hoje são adultos formados e excelentes profissionais, conforme segue: “E saíram daqui várias pessoas que por meio dessas ações que a gente faz aqui, hoje são professoras formadas, arquitetos formados, e chega arrepiar porque dá orgulho e se eu falar eu choro, e choro mesmo (emocionada), realmente

conseguiram se tornar aquilo que eles sonharam ser, eles acreditaram, eles disseram não para quem disse que eles não poderiam, eles não aceitaram o não, eles acreditaram que a gente realmente falava a verdade, se importava, amava eles, e aquela condição que a gente estava dando, ia dar a ele a possibilidade de quem eles são hoje”. (ROSE).

Ainda, continua: “Isso tudo que é feito aqui não passa de uma semente, aonde de que forma ela vai germinar, o solo é diferente, cada criança/adolescente é um solo, se ela vai germinar a gente não sabe. Mas a gente não pode deixar de semear, de plantar, a gente precisa acreditar que aquela semente vai crescer, florescer, gerar frutos e esses frutos que hoje são pessoas formadas, são protagonistas da própria vida, na comunidade onde elas estão inseridas, algumas saíram daqui, mas a maioria ainda está aqui”. (ROSE).

Muitas das crianças e adolescentes que frequentaram o projeto e que hoje são adultos formados voltam para conversar e palestrar com os alunos atuais, como forma de incentivá-los a estudar e nunca desistir de seus sonhos. Contam suas histórias, seu percurso, e acabam por testemunhar grandes conquistas e vitórias alcançadas. Para Freire (1978, p. 14), “o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformar”.

Questiona-se, ainda, quais atividades dentre as promovidas pela instituição que considera de maior significância para os educandos. Aduz que todas as atividades são significativas, porém, para ela, o programa menor aprendiz deveria ter um maior incentivo. Ainda em resposta, exprime: “Eu acho que deveria haver uma inovação quanto aos incentivos para a faixa etária de menor aprendiz. Primeiro pensando que a oferta de menor aprendiz é para um mercado de trabalho praticamente opressor, é diferente de você ofertar como eu já tive essa experiência, de ofertar uma vaga numa assessoria jurídica, ou numa assessoria de arquitetura, impressionante como aquele que foi direto no mercado de trabalho específico, próximo daquilo que esse adolescente gostaria de estar fazendo na universidade, se manteve ali e continuou. O mercado de trabalho geralmente aqueles de mão de obra mais barata, e de uma carga horária mais exigente, e de pouco trabalho intelectual, esses dificilmente progridem”. (ROSE).

Já aqueles que conseguem algo diferenciado, normalmente buscam concluir uma faculdade. Segundo relata: “Mas todos que conseguiram alguma vaga em uma

repartição de uma profissão específica, inclusive teve uma que era menor aprendiz do diarinho (jornal local), se tornou jornalista, você entende a diferença? Porque ali ele está se identificando, ele olha para as pessoas com quem ele está trabalhando, e dizendo eu posso estar ali, eu vou ser igual ao meu chefe, vou ser melhor que o meu chefe, ou eu vou ter uma empresa igual a essa, então isso faz toda a diferença”. (ROSE).

A Lei n. 10.097, que disciplina as regras inerentes ao menor aprendiz, determina que toda empresa de médio e grande porte deve ter de 5% (cinco por cento) a 15% (quinze por cento) de aprendizes entre seus funcionários. Os aprendizes são considerados aqueles indivíduos entre 14 (quatorze) e 24 (vinte e quatro) anos, desde que estejam cursando ou terminando o ensino médio. (BRASIL, 2000).

A gestora relata sua preocupação quanto às oportunidades ofertadas para os adolescentes no programa menor aprendiz. É preciso mais incentivo, mais empresas parceiras que realmente queiram ajudar e incentivar os adolescentes que estão entrando no mercado de trabalho. É preciso mais e melhores possibilidades.

Dando continuidade na conversa, quando questionada se a instituição organiza momentos de escuta com os sujeitos e de que forma seriam realizados, responde dizendo que os educandos sempre são ouvidos e que a instituição promove momentos de escuta. Explica: “Nós temos alguns questionários que tanto as crianças/adolescentes preenchem para nós quanto os pais, e tem as palestras em conjunto com a psicóloga, mas o que tem mais resultado é o tratamento individual, porque eu não sou a Vanessa, e a Vanessa não é a Rose, então colocar eu a Vanessa, junto com o Marcio, com a Ana, com o João e o Joaquim não vai dar uma noção ao professor do que a Vanessa quer, porque a Vanessa está no meio de um grupo”. (ROSE).

A profissional destaca a importância das crianças e dos adolescentes serem ouvidos de forma individual: “Então a gente tenta ao máximo possível individualizar, como a gente tem um número muito grande de criança/adolescente s, é claro que o que chama atenção, é quase que vamos pensar nas criança/adolescente s como vários pontinhos brancos, o vermelhinho é o alerta, aquele a gente tira do meio e foca mais nele, os outros estão seguindo o fluxo sabe, então a gente dá prioridade para aquele que mais chama a atenção na falta de, não está absorvendo, não está trazendo o conteúdo da escola, não está tendo interesse, quer está aqui, gosta, mas por algum motivo não aprende, então aí a gente consegue diagnosticar por encaminhamentos

feitos, déficit de atenção, imperatividade, dislexia, autismo, a gente já teve pelo menos três casos aqui, da gente bater o olho e dizer tem alguma coisa, e a mãe não ele não tem nada, quando vai investigar é autista”. (ROSE).

E essa investigação somente acontece no tratamento individual, conforme explica: “Só tratar em grupo ele vai ser, na verdade não tem nenhuma voz né, porque você trabalhar um grupo de quarenta, cinquenta, dez criança/adolescentes, você não consegue ouvir todas elas, então só no individual, trazendo a família, buscando saber de que forma essa criança/adolescente foi gerada, como foi essa gestação, quem é o pai a mãe, como é a rotina da vida, para poder entender o porquê que essa criança/adolescente não está avançando, então a escuta é feita no coletivo, mas a gente dá prioridade para o individual”. (ROSE).

Os bons resultados são adquiridos quando se consegue trabalhar a individualidade de cada aluno. Cada um deles, com sua singularidade e particularidades, necessita dessa atenção e cuidado individual. Pessoalmente falando, dos momentos em que estive na instituição, pude ouvir relatos de mães e funcionários sobre esse olhar atento para as crianças e adolescentes, e que mesmo com um grande número de atendimentos diários, elas são vistas, ouvidas e auxiliadas diante das necessidades. Para Freire (1981, p. 98), sem diálogo “não há comunicação e sem ela não há verdadeira educação”.

Diante de seu cuidado e dedicação com as crianças e os adolescentes que frequentam a instituição, uma vez solicitado à gestora o relato de um momento em sua experiência profissional na instituição que teria marcado sua história, bem como a dos educandos e educadores, emocionada, ela conta: “O momento que mais marcou a história do Latarte foram seis momentos, seis num só, foi a perda de seis adolescentes mortos pelo tráfico, e isso marca porque você os tem aqui como alguém que você deseja ver no futuro, como alguém realizado, como alguém fazendo parte da comunidade, como alguém feliz, próspero em todos os sentidos. E de repente você tem a notícia que ele abandonou, e é difícil manter as crianças/adolescentes aqui a partir de treze anos, porque a instituição por ser muito focada na parte educacional, cobra muito deles o conteúdo escolar, a aplicação das disciplinas em sala de aula, o reforço, tudo isso pensando que precisa para que ele possa chegar a concluir mais um ano, não precisar fazer um supletivo, então é difícil adolescente gostar de regras, então poucos conseguem ficar aqui. Então perdê-los aos treze anos para algo que dê continuidade para aquilo que a gente começou, é natural, mas quando você tem um

adolescente que sai daqui e você descobre que ele foi preso por estupro, que ele foi preso por assalto a mão armada ou que ele foi morto pelo tráfico, isso é impactante”. (ROSE).

A gestora diz que tudo aquilo ofertado na instituição é muito gratificante, porém, o que impacta são as vidas perdidas para o crime: “Porque todo o resto desses outros quinze anos é gratificante, tudo é gratificante, servir um almoço é gratificante, observar eles tendo acesso a uma aula de música que eles não teriam condições de pagar é gratificante, dar um almoço nutritivo é gratificante, tudo é gratificante, não tem um momento mais especial que o outro, tudo é gratificante porque você vê o sorriso, se você olhar eles no recreio, eles correm te abraçam, é aquele olhar de dizer assim eu te amo de verdade, eles são muito verdadeiros. Agora o que impacta é quando você perde, e perde para algo tão fútil né, perder uma vida, uma criança/adolescente que teve nas suas mãos, que esteve contigo tanto tempo”. (ROSE).

A profissional partilha nesse momento uma triste e dura realidade de muitas famílias brasileiras, isto é, a perda dos filhos para o mundo das drogas e da criminalidade. Além disso, a gestora expressa tristeza, pois por mais que estivesse por perto tentando ajudar com ações, atividades e oportunidades, infelizmente não obteve êxito. O trabalho realizado nessas instituições de ensino visa a transformação do sujeito, são ações pensadas no seu processo educacional, cultural e profissional, mas é certo que o trabalho se dá de forma coletiva, com a participação da família. Quando o vínculo com o grupo familiar é inexistente, tudo se torna mais difícil.

Acerca da crescente criminalidade, transcreve-se, aqui, trecho de uma reportagem retirada do Jornal Click Camboriú, que demonstra que a cidade de Camboriú, em Santa Catarina, é a quinta do Estado em número de homicídios dolosos, ao menos no primeiro bimestre do ano de 2018. Veja-se:

Camboriú tem aumento de 50% no número de assassinatos em comparação com 2017. Números extraoficiais, de um levantamento feito a partir de matérias publicadas na imprensa e de declarações da Polícia Militar, mostram que Camboriú já havia registrado até o dia 23 de abril nove homicídios dolosos na cidade. O número é 50% maior que o registrado no ano passado, de acordo com os dados da Secretaria da Segurança Pública de Santa Catarina que mostram 6 assassinatos no primeiro quadrimestre na cidade. O número de 2018, já representa um terço dos 27 homicídios dolosos registrado em todo o ano passado em Camboriú. **Mapa dos crimes** – Quatro dos nove homicídios registrados esse ano em Camboriú aconteceram na região do Distrito do Monte Alegre. Todos por arma de fogo, com vítimas homens, entre 18 e 20 anos, maioria com várias passagens pela polícia. (CLICK CAMBORIÚ, 2018, n.p. grifo do autor).

Voltando a falar sobre as atividades ofertadas, a gestora é questionada sobre a lógica curricular da instituição. Responde: “Os projetos são feitos de um ano para outro, então de um ano para outro a gente já sabe que atividades a gente vai ofertar para as crianças/adolescentes, por exemplo até o ano passado a gente tinha judô, esse ano a gente já não tem mais o judô. Esse ano a gente tem umas atividades que não tínhamos ano passado, e quando a gente monta a grade de atividades que são ofertadas a elas, a única que a gente mantém mesmo quando não há investimento é a parte pedagógica, isso a gente não abre mão”. (ROSE).

Sempre salientando sua preocupação com a parte pedagógica, exprime: “E a maior individualidade do cronograma das atividades deles, se dá no pedagógico, então a gente tem grupos específicos de criança/adolescentes com dificuldade no português, na matemática, na geografia, e no apoio pedagógico é essa maior individualização que a gente faz, porque a gente também não pega assim ó, todo mundo que tenha dificuldade no português é um grupo, não, porque a Vanessa tem dificuldade no português em adjetivo, eu tenho dificuldade de português mas é na redação, o Joãozinho tem dificuldade no português porque ele não sabe ler, porque ele é um copista, isso não foi identificado e nem tratado na escola, que tem muito mais condições do que a gente”. (ROSE).

Ademais, explica que existem aquelas atividades obrigatórias, quais sejam alfabetização e letramento, apoio escolar, reforço escolar, xadrez e a psicóloga, além de atividades não obrigatórias como violão, coral, dança, percussão e teoria musical. É cediço que todas as atividades listadas contribuem para o desenvolvimento e crescimento dos educandos, além de favorecer o aspecto afetivo e a socialização. Acerca dos jogos, Kishimoto (2003, p. 96) explica que uma vez motivada, a criança se interessará em jogar, superando as dificuldades relacionadas à emoção e à cognição. E completa: “as crianças ficam mais motivadas a usar a inteligência, pois querem jogar bem; sendo assim, esforçam-se para superar obstáculos, tanto cognitivos quanto emocionais. Estando mais motivadas durante o jogo, ficam também mais ativas mentalmente”.

Discorrendo acerca das experiências na instituição e questionada como enxerga o processo das crianças e dos adolescentes entre a chegada e o percurso, a partir das atividades propostas no espaço, a gestora responde: “Primeiro que quando eles chegam aqui, e eu já te mostrei o nosso número extenso de lista de espera, eles já chegam aqui superfelizes de ter conseguido a vaga, eles já chegam aqui com um

sorrisão, eles falam, professora sabe quanto tempo eu estava esperando? Eu estou muito feliz de estar aqui, eles já chegam superanimados. Os que chegam aqui no susto, ou obrigados, são aqueles encaminhados pelo conselho tutelar, esses têm uma fase de adaptação, e se eles não forem adaptados mesmos, se não se adaptarem, e isso acontece a gente conversa com o conselho e pede para que ele seja encaminhado para uma outra instituição. Porque o fato dele estar aqui, ele não está aqui para simplesmente estar, num suposto depósito de crianças/adolescentes, ele tem que estar aqui para evoluir e para que a gente possa ajudá-lo de alguma forma, e a evolução dela é automática porque realmente a dedicação, o olhar diferenciado que é dado por cada professor para as crianças/adolescentes, faz com que eles se evoluam naturalmente”. (ROSE).

A instituição Latarte é muito conhecida na cidade de Camboriú/SC e mais ainda no bairro onde está localizada, existindo, como visto, uma grande lista de espera para integração. As crianças e os adolescentes que ali estão vão evoluindo com o passar do tempo, porque as atividades em que estão inseridas modificam seu comportamento e seu rendimento escolar, trazendo transformação para suas vidas. Acerca deste trabalho, destaca-se o seguinte ensinamento:

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, por meio de organizações sociais, movimentos, programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das Organizações Não Governamentais (ONGs) nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, da educação e da cultura. A música tem sido, por suas características de ser uma linguagem universal e de atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento da educação não formal. (GOHN, 2009, p. 31).

A arte tem possibilitado uma formação humana integral porque o homem carrega em sua essência a sensibilidade do sentir, do olhar, do tocar e do constituir-se a partir de suas relações.

3.2 OLHAR DA PROFESSORA

No dia agendado, foi conversado também com a professora Eliane, assim identificada nesta pesquisa, educadora há mais de 9 (nove) anos na instituição, e que cursa licenciatura em matemática.

Questionada como é ser educadora nos espaços formais de educação, ela logo explica sobre a liberdade de se trabalhar: “Você tem mais liberdade para trabalhar, primeira coisa que eu gosto de trabalhar aqui é que eu tenho mais liberdade de trabalhar, você não fica engessado a um sistema, e é um sistema falho né, então aqui é uma ideia e uma vantagem de você conseguir trabalhar o que você vê de errado que acontece, e tentar ajudar as crianças/adolescentes que vem aqui pelo menos, não consertar o que tá errado, mas é tentar complementar a forma do que falta lá nas instituições educacionais.” (ELIANE).

Em sua resposta, a professora expressa que a liberdade que se tem para trabalhar é um ponto forte nos espaços não formais de educação. Dessa forma, uma vez diagnosticando a dificuldade dos educandos, procura ações para saná-las e complementar o ensino regular.

Na escola, por ser um ensino formal, sistematizado e estruturado, há necessidade de seguir um currículo e dar conta de diversos conteúdos. Por isso, muitas vezes falta tempo para ajudar os alunos em suas maiores dificuldades. Ao contrário, nos espaços educacionais não formais, os professores conseguem focar e olhar atentamente para as necessidades de cada integrante.

Quando questionada sobre o que observa nos integrantes que frequentam este espaço de educação não formal, responde: “Disciplina, organização deles, tanto que eu vou dar um exemplo, eu faço um programa chamado caminho seguro, eu levo as crianças/adolescentes até a escola e eu tenho o relato das pessoas da escola que dizem, as crianças/adolescentes do Latarte são diferentes das crianças/adolescentes da escola, em termos de tudo, de disciplina, de organização [...] nós trabalhamos isso, disciplina, o respeito, a responsabilidade, e eles demonstram isso fora”. (ELIANE).

“Caminho seguro” é um programa que foi estruturado ao se notar que no horário do meio-dia, as crianças e os adolescentes se encontravam em estado de risco. Muitos iam para casa almoçar e como os pais trabalhavam, ficavam à mercê de abusadores, aliciadores e traficantes. Diante da situação, foi necessário criar o programa “caminho seguro”, para acompanhar esses jovens até a escola, como forma de protegê-los.

A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo, etc. (GOHN, 2006a).

Perguntada, ainda, se em sua visão as ações realizadas na instituição contribuem para que as pessoas tenham mais espaço na sociedade ou exerçam de fato sua cidadania, responde dizendo: “Elas contribuem com o espaço na sociedade, elas aprendem um pouco mais, e elas aprendem dentro da realidade que elas vivem. A partir dos problemas que elas apresentam, a partir das dificuldades que elas apresentam é trabalhado isso, e eles conseguem se transformar, trazer as partes ruins como uma força, um aprendizado. E cidadania é o que nós tentamos trabalhar aqui sempre, ensinando para eles o que é certo, o que é errado fazer, o respeito e trabalhando o respeito eles aprendem a respeitar o ser humano, aprendem a respeitar as pessoas, a ter empatia, a se colocar no lugar do outro, isso que nós falamos com eles todos os dias, empatia, saber se colocar no lugar do outro, e isso é ser um verdadeiro cidadão”. (ELIANE).

Durante os dias em que estive em campo, pude ouvir muito acerca dos problemas que a criança e/ou adolescente enfrenta, a dor e a dificuldade. No espaço educacional, porém, são desenvolvidas ações pensadas neste indivíduo e na força de superação e transformação que todo ser humano é capaz de ter. O trabalho realizado pela instituição visa mostrar para educando sua potencialidade e talentos, bem como que é capaz de ser tudo o que quiser. Nessa linha, Freire (1978, p. 40) exprime que “a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo”.

Pensando na transformação do sujeito, a professora é questionada de que forma enxerga este tipo de espaço educacional, no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Expressa: “Com certeza é um braço, eu acredito que seja um braço da educação, se cada criança/adolescente que tivesse na escola estivesse num projeto social, com certeza elas poderiam desenvolver muito mais, porque elas são inteligentíssimas, mas imagina uma professora com trinta, quarenta alunos dentro da sala, ela não consegue focar direito e aprender a ver cada especificidade de cada uma. Quando você está num projeto social, você consegue enxergar cada uma. Nós podemos ter cinquenta, cem crianças/adolescentes numa atividade, mas você consegue enxergar elas, cada uma como ela é, cada especialidade, cada dificuldade, é diferente, você consegue enxergar como um todo”. (ELIANE).

A professora considera as ações desenvolvidas nos projetos sociais como um braço da educação, pois são evidentes as dificuldades existentes dentro das escolas, como a quantidade de alunos, turmas muito cheias, uma listagem grande de conteúdo

para dar conta, e muitas vezes não se consegue dar a atenção necessária para cada aluno.

Nesses espaços educacionais não formais, as crianças e os adolescentes são ajudados nas suas maiores dificuldades. As atividades de contraturno escolar os auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, e mesmo tendo um número grande de integrantes que frequentam o espaço, percebe-se realmente como os educandos são atendidos e conhecidos por suas particularidades.

Ainda pensando nesse processo de ensino-aprendizagem, indagou-se à professora como são organizados os momentos de escuta dos alunos e dos familiares e também como são realizados. Responde: “Com os familiares são de diversas formas, a primeira de todas é a reunião, que todos os pais comparecem, dificilmente um pai falta na reunião, isso que é legal aqui. Conversa com os familiares acontece também esporadicamente, vamos dar um exemplo, aconteceu alguma coisa com a criança/adolescente você chama os pais, você já não começa com os pais repreendendo, mas sim, o que aconteceu? Como está em casa?”. (ELIANE).

Continuando, traz: “Com as crianças/adolescentes é diário, diariamente a gente conversa com eles, as vezes acontece alguma coisa você aproveita o embalo, e olha isso aqui não pode acontecer por causa disso, disso e disso, ou as crianças/adolescentes mesmas se sentem à vontade de vir conversar com a gente. Vou dar um exemplo, uma criança/adolescente chegou e falou assim para mim, profe a fulana precisa do psicólogo. Mas porque que você viu isso? Ah ela está assim, ela está demonstrando umas coisas assim e eu estou preocupada com ela. Ou seja, as próprias crianças/adolescentes vêm conversam com a gente dizendo se um amigo está precisando, eles têm esse espaço, eles têm essa liberdade. Eu já tive casos de crianças/adolescentes virem me contar que estavam sofrendo abusos sexuais, elas têm essa liberdade com a gente, elas compreendem isso”. (ELIANE).

Pela fala da professora, percebe-se a abertura para o diálogo tanto entre as crianças e os adolescentes e funcionários e professores como com as famílias. E por existir tal abertura, muitas famílias recorrem ao Latarte quando estão precisando de ajuda material ou até mesmo de ajuda especializada com os filhos. Quando existe dialogação, o trabalho realizado na instituição se torna muito mais produtivo e fecundo, pois a participação da família é essencial para que se alcance resultados positivos.

Sendo solicitada a relatar uma experiência profissional na instituição que teria marcado sua história e dos educandos, responde emocionada: “Calma aí que eu vou me recuperar (emocionada). Diariamente eu tenho com eles, eles são maravilhosos, eu não tenho, eu não sei se eu fosse escrever um livro, eu acho que meu livro seria de duas mil páginas, três mil páginas, sobre cada coisa que acontece com eles, para mim cada coisinha com eles é uma história, é uma pérola. Vou dar um exemplo, teve uma vez que eu tive que fazer uma cirurgia de emergência, barriga cortada de ponta a ponta, quinze dias em casa eu não aguentava mais de saudades deles, não aguentava mais ficar em casa, e eu vim para cá. Fiquei sentada na mesa, eles iam lá levar as coisas para mim. Eu estou passando na rua, ex-aluno atravessa a rua, adolescente, atravessa a rua para vir conversar comigo, oi profe, estou fazendo isso, está acontecendo isso e tal”. (ELIANE).

A profissional também partilha sobre a difícil experiência de perder adolescentes para a criminalidade: “Mas o que mais marcou para mim recentemente, faz alguns meses atrás, eu soube do envolvimento de um ex-aluno nosso com a polícia, e ele morreu, e ele tinha muitos problemas e esse aluno a gente não conseguiu ajudar, porque ele não deixou a gente entrar, a família não deixou a gente entrar, foi mais fácil tirar ele daqui. Então ele saiu daqui, aí quando eu soube que tinha acontecido isso com ele foi difícil, esse é um exemplo que eu vou levar para o resto da vida. E quando é esse tipo de acontecimento é um pedaço muito grande do coração, de você não poder ter feito nada, e isso dói pra caramba, não poder ter feito nada naquele momento”. (ELIANE).

A professora se emociona ao falar da sua experiência como profissional do Latarte, pois sabe-se que ao longo do tempo surge um laço afetivo com cada um dos alunos que frequentam o projeto. E dentro desse espaço educacional, tudo é pensado para a educação e desenvolvimento dos educandos, para que sejam protagonistas de sua própria história. Nesse contexto, quando se perde alguém para o mundo da criminalidade, sem dúvida impactará a vida daqueles que tentaram ajudar.

Como relatado acerca da experiência, inexistia diálogo com a família, sendo uma situação difícil. Quando não se tem abertura e diálogo e quando a família é negligente com a educação dos filhos, se torna complicado adentrar neste lugar com a tentativa de ajudar e, sabe-se, muitas situações são ofertadas para esses jovens, principalmente num bairro onde se tem um dos maiores índices de criminalidade.

Após a partilha emocionada, a professora é questionada em qual área ou oficina atua, bem como se dá o planejamento. Responde: “Qualquer área que me colocar aqui eu trabalho (risos), mas hoje eu estou como apoio e reforço, do futuro ao pé da letra, dos pequeninhos dos quatro aos sete, trabalhando com a alfabetização lúdica, mas eu também estou fazendo licenciatura em matemática, então eu trabalho com os grandes também, aí se eles precisam eu estou lá para ajudar, não só matemática, mas também outras matérias, é meio que coringa”. (ELIANE).

Quando a professora responde que qualquer área que ela for colocada, trabalhará, percebe-se o comprometimento que os professores e os funcionários têm em relação ao projeto. Existe uma unidade entre eles, isto é, todos se ajudam, estendem a mão um para o outro, em prol de que a criança e/ou adolescente seja beneficiado e ajudado.

Mesmo cursando licenciatura em matemática, aduz ser um “coringa” dentro do projeto, uma vez que busca ajudar no que é preciso, não somente na área da matemática, mas em todas as matérias que as crianças e os adolescentes apresentam dificuldade.

A professora explica que apoio escolar é o auxílio quanto as tarefas escolares como os deveres, trabalhos, maquetes, cartazes, estudo para as provas, assim como tudo que os alunos têm que entregar para a escola. Reforço escolar é quando eles não estão muito bem em determinada matéria e precisam se dedicar e estudar um pouco mais. No reforço escolar, muitas vezes é utilizado o lúdico para melhorar a compreensão. Futuro ao Pé da Letra é a alfabetização lúdica que, por meio de atividades, brincadeiras e da música, auxiliam as crianças em seu processo de aprendizagem.

Em continuidade a conversa, pergunta-se a ela de que forma enxerga o processo da criança e do adolescente quando chegam nesse espaço educacional e do percurso que ela faz no desenvolvimento das atividades propostas na instituição. Diz: “Eles entram arredios, totalmente indisciplinados e eles tem muita liberdade né, hoje os pais, a gente não pode condenar só é culpa dos pais, é porque os pais precisam trabalhar e as crianças/adolescentes acabam ficando muito livres, e quando eles entram aqui no primeiro momento é um susto, porque já tem que fazer fila, já tem que se organizar para comer, se organizar para isso, para aquilo, tudo é organizadinho, é filinha, não é um quartel general, jamais, mas eles têm que estar tudo organizado. E esse primeiro momento é um choque para eles, mas depois eles

têm uma necessidade disso, e é tão automático isso neles que alguns pais ainda conversam com a gente e fala assim, olha depois que ele entrou no Latarte, agora ele arruma a cama, faz isso, faz aquilo”. (ELIANE).

Por intermédio da resposta da professora, é notável que as crianças e os adolescentes, ao serem colocados em um ambiente de aprendizagem e de organização, desenvolvem hábitos e transformam sua jornada educativa com mais disciplina e consciência.

Segundo Gohn (2006b, p. 31), há algumas características da educação não formal que pode contribuir para atingir metas, em processos planejados de ações coletivas grupais, dentre elas: “O aprendizado das diferenças. Aprende-se a conviver com demais. Socializa-se o respeito mútuo; Adaptação do grupo a diferentes culturas, reconhecimento dos indivíduos e do papel do outro, trabalha o “estranhamento”.” Ainda, a autora cita a “construção da identidade coletiva de um grupo; Balizamento de regras éticas relativas às condutas aceitáveis socialmente”.

3.3 OLHAR DA FAMÍLIA

No terceiro dia presente na instituição, foi possível conversar com algumas mães de crianças e adolescentes que frequentam a instituição, identificadas ao longo da pesquisa.

Iniciada a conversação, foram questionadas acerca da importância desse espaço educacional da cidade. Responderam: “Eu acho assim fundamental, como a professora Eliane estava te dizendo, é muito restrito a escola, a criança/adolescente ela não tem assim esse individual. A professora infelizmente ela não consegue ver aquela necessidade individual de cada um, que aqui é visto. Aqui a criança/adolescente não sai de casa só para ter um lugar para ficar, não é um depósito de criança/adolescente, o Latarte é um lugar onde a criança/adolescente soma para a vida, meu filho aqui evoluiu um milhão como pessoa sabe, eu amo aqui e meu filho também” (SUELI); “Para mim a importância é essencial, para mim na cidade de Camboriú em cada bairro deveria ter um Latarte. Eu tenho certeza de que tudo mudaria se tivesse por causa do apoio como família que a gente tem aqui, do apoio da educação com a criança/adolescente, para mim é essencial na nossa vida como família”. (LEILA). E por fim, “Aqui eu acho que o importante disso, além de não manter a criança/adolescente rua, por que eu trabalho o dia inteiro eu vou deixar meus filhos

sozinhos em casa? Pagar uma babá é caro, no mínimo trezentos reais cada um, e aqui eles estão aprendendo, estão tendo reforço da escola, porque é difícil né a gente trabalha o dia inteiro não tem tempo para ajudar, para dar o que eles dão aqui. Eu acho que se tivesse mais projetos assim não teria tanto jovem na rua, eu acho que se o governo em geral, não só do estado no Brasil em geral, investisse em educação não precisaria investir em presidio”. (LORIMERI).

Para as mães entrevistadas, o projeto é essencial para seus filhos e famílias. Expressam a importância de se ter um projeto social em cada bairro da cidade e falam sobre o projeto não apenas como um lugar para deixar os filhos, e sim um ambiente seguro onde estes possam aprender.

Questionadas como elas enxergam a vivência e a relação dos filhos(as) com os projetos e as atividades de que participam dentro da instituição, contam: “É assim, é perfeita a situação porque a gente assim, aqui o Leonardo faz parte da percussão, ele tem os reforços escolares, coisas assim que eu trabalho demais, e a gente quando tem filhos você infelizmente ou trabalha, ou dá total atenção, porque você chega em casa tem um monte de coisas, então o reforço e os cursos que ele tem aqui são de uma importância fundamental pra gente, porque nós como família daqui, da comunidade não temos condições, não adianta eu dizer que teria, porque não teria condições financeiras para isso, nem só financeira mas também tempo para isso”. (SUELI); “Os meus filhos amam o Latarte, de uma maneira assim que meu Deus, a Ana Julia acorda de madrugada perguntando se naquele dia tem Latarte, porque ela ama o Latarte, e o apoio que eles têm aqui tanto na educação quanto na alimentação é essencial para a minha família”. (LEILA); “Modifica, porque eu vou te falar, o meu menino de nove anos eu estou adotando. Peguei ele quando tinha dois meses ele é da minha irmã, ela foi presa e eu o peguei, ela deixou comigo. Ela saindo da cadeia não quis mais ele, nem ela nem o pai quiseram, e ele tinha uma dificuldade, hoje ele é uma criança/adolescente diferente, hoje ele entende bem as regras, o que pode e o que não pode. Não que ele não entendia, ele entendia, mas ele era meio revoltado, tipo porque eu adotei, porque os pais não quiseram, porque todo mundo abandonou, ele ficava com isso na cabecinha dele, então aqui colocou ele assim como uma criança/adolescente igual a todas”. (LORIMERI).

Para Sueli, as atividades ofertadas no projeto social são de grande auxílio para seu filho, porque ela, sendo uma mãe que trabalha o dia todo, não teria tempo disponível para auxiliá-lo nas tarefas escolares e nem condições financeiras para

pagar os cursos de música que são ofertados no Latarte. Por sua vez, para Leila, o apoio na educação e na alimentação que são ofertadas na instituição é de grande importância para toda sua família. Lorimeri partilha a dificuldade que era vivida pelo seu filho adotivo, pois havia nele uma revolta e sentimento de rejeição, sendo que na instituição ele foi aprendendo e sentindo igualdade em relação aos demais, além de ter encontrado seu lugar, e que isso fez grande diferença em sua vida.

Para Gohn (2006b, p. 30):

[...] quando presente em programas com criança/adolescentes ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de autoajuda denominam, simplificada, como a autoestima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto valorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.); os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Com a conversa, é possível perceber grande proximidade entre a instituição e as famílias. Com isso, foi solicitado a elas que falassem brevemente de como funciona a relação do grupo familiar com o espaço educacional da instituição. De forma entusiasmada, contam: “Eu não sei as outras famílias, mas a minha é muito próxima, eu e a Rose, eu procuro estar sempre aqui, eu procuro saber o que precisa, não é só eu precisar do Latarte também o Latarte precisa de mim, eu entendo assim sabe, porque a gente tem que andar junto, se a família não estiver junto do projeto o projeto não anda. Sabe não dá para gente deixar um filho, tanto num projeto quanto na escola, é necessário a família estar engajada, faz parte né, é totalmente fundamental”. (SUELI); “Existe essa ligação aqui, só aqui, nem em escola, nem em saúde, que nem agora eu descobri o autismo dela, ela está em todas as filas possíveis, se eu não tivesse psicólogo aqui, se eles não tivessem me dado apoio olha eu não sei o que seria de nós. Por causa que não tem apoio em lugar nenhum, aqui eles conhecem cada um, cada família eles conhecem, eles perguntam como está, eles sabem o nome deles, eles sabem quem é a mãe, sabem quem é o pai, eles são família sabe, e eu me sinto acolhida”. (LEILA).

Ainda: “Eu sou até suspeita falar (risos), assim desde que comecei aqui, faz uns cinco anos eu acho, eu estava passando por um problema com o meu filho mais velho o de dezesseis. Ele começou a mexer na carteira da minha mãe, do meu

cunhado, o que aconteceu, eu bati porque eu sou mãe, e se eu não bater agora quando crescer a polícia bate, denunciei no conselho tutelar o que ele estava fazendo, e o conselho tutelar me ajudou a conseguir a vaga aqui, porque aqui é bem concorrido. E depois que ele entrou para cá mudou da água para o vinho também. Então eu sempre tive apoio do Latarte para tudo. Na pandemia eu não tinha o que comer, eu fiquei desempregada e meu marido também, e pago aluguel. Eu ligava para eles, e eles me ajudavam com sacolão, marmita eu pegava todo dia que eles davam. Então não era qualquer um que ajudava, e eles ajudavam”. (LORIMERI).

As mães entrevistadas são pessoas bastante participativas do projeto. Todas têm consciência da importância de se andar de mãos dadas com a instituição para que se obtenha bons resultados.

Ademais, partilham da ajuda recebida do Latarte durante o período pandêmico decorrente do coronavírus, tanto em questão de alimentação como ajuda educacional, informando que os professores e funcionários do projeto visitavam as famílias no intuito de oferecer auxílio em suas necessidades. Dividem também as particularidades da vida de seus filhos, como a descoberta do autismo e problemas comportamentais, destacando o quanto a instituição foi essencial no decorrer dessas situações.

Encerrando a conversa, as mães são questionadas sobre como as ações realizadas no instituto contribuem para que seus filhos tenham mais espaço na sociedade ou exerçam de fato sua cidadania. Aduzem: “As oportunidades que meu filho tem. Aqui meu filho tem oportunidades de fazer cursos, aqui meu filho tem oportunidades de conhecer lugares e pessoas que eu não conheceria, não poderia estar oferecendo para ele se fosse simplesmente pegar ele, levar na escola e da escola para a minha casa, ele não estaria tendo essas oportunidades que ele tem aqui, os cursos que ele faz aqui, o que ele aprende aqui, não só com os professores mas também com os amigos, com quem vêm aqui, porque aqui tem muitos voluntários que vêm, e tem muitas coisas boas nem que seja a leitura de um livro. (SUELI); “Sim, cem por cento, na escola os meus dois filhos são os melhores da turma, um no quarto ano e o outro no oitavo ano, aqui eles aprendem sobre responsabilidade, eles têm a responsabilidade deles, e é essencial sabe, aonde você for você vai saber que quem está aqui meu Deus, é maravilhoso, muda em tudo. Tanto que na pandemia quando todo mundo tinha parado, os professores iam na porta da minha casa, as vezes nem a escola, que eu não tinha condições de ter internet, eu ia na escola pedia os trabalhos, nem a escola me dava. E aqui os professores iam na minha porta para

perguntar como a criança/adolescente estavam, se tínhamos comida, se meu marido estava trabalhando, então é surreal assim sabe, é um apoio assim que deveria ter em todo o lugar” (LEILA).

Ademais: “Eles aprendem de tudo aqui, principalmente a igualdade, e aprendem a sonhar, meu filho quer ser polícia e ele vai conseguir, só que ele não quer que fale porque o bairro que a gente mora não aceita. A minha filha de dezessete quer ser policial também, até ela postou no Instagram e um menino comentou, sai fora aqui do bairro, bem assim. Porque aqui no nosso bairro tem pessoas boas, mas tem bastante gente que não quer o bem do outro, e aqui eles sabem que podem sonhar, e que vão ter um futuro, e vão poder estudar e ter uma faculdade porque enquanto eu estiver viva e poder ajudar, e ter projetos assim que apoiam, eu vou em frente e vou lutar por eles”. (LORIMERI).

Segundo Gohn (2016, p. 71):

A educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade. Logo, destaca-se sua relevância no campo da juventude. Pelo fato de ser menos estruturada e mais flexível, a educação não formal consegue atingir a atenção e o imaginário dos jovens. E, quando é acionada em processos sociais desenvolvidos em comunidades carentes socioeconomicamente, ela possibilita processos de inclusão social pelo resgate da riqueza cultural daquelas pessoas, expressa na diversidade de práticas, valores e experiências anteriores. Quando presente na fase de escolarização básica da criança, adolescente, jovens ou adultos – como se observa em vários movimentos e projetos sociais citados –, ela potencializa o processo de aprendizagem, complementando-o com outras dimensões que não têm espaço nas estruturas curriculares.

Dos relatos, extrai-se a importância desse espaço educacional não formal e das atividades oferecidas. As mães entrevistadas contam que não teriam condições de proporcionar para seus filhos os cursos que são oferecidos pelo Latarte. A instituição auxilia o processo educacional das crianças e dos adolescentes, pois o rendimento escolar também é modificado, fazendo com que, dessa forma, os sonhos comecem a ser alimentados e perseguidos com uma nova esperança.

3.4 OLHAR DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Durante a visitação à instituição, pouco antes de serem liberadas para brincarem, algumas crianças observaram e se aproximaram, sendo iniciada uma

conversação. Foram entrevistadas as crianças três crianças de 10 (dez) anos e uma criança de 12 (doze) anos. Em virtude da idade dos entrevistados, opta-se por preservar suas identidades, sendo mencionados ao longo desta pesquisa apenas como “ALUNO”.

Inicialmente, as crianças foram questionadas sobre como é participar da instituição. Obteve-se como resposta: “É muito legal, tipo me ajuda muito até nos deveres, tipo é muito legal não tenho nem o que dizer”. (ALUNO A); “É legal tenho muitos amigos, e não tem nenhuma aula preferida todas são muito legais”. (ALUNO B); “É muito legal porque tem aulas super legais, e eu adoro”. (ALUNO C); “É assim tem várias atividades, tem aquela que eles ajudam nas tarefas e é super legal”. (ALUNO D).

Continuada a conversa, perguntou-se às crianças acerca das atividades realizadas e o que mais gostam dentro da instituição. Felizes, respondem: “não tem nenhuma que eu mais gosto, todas são legais”. (ALUNO A); “Não tem nenhuma que eu mais gosto, porque eu gosto de todas. E tem algumas pessoas que não sabe ler, tipo eu não sei ler direito, e aqui eles ajudam”. (ALUNO B); “Eu gosto muito de dança, é a atividade que eu mais gosto”. (ALUNO C); “Eu gosto de todas as aulas, todas são importantes”. (ALUNO D).

As crianças relatam gostar de todas as atividades, pois cada uma delas possui sua importância. É cediço que tanto a música quanto o instrumento contribuem no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que auxiliam na memória, na criatividade, na concentração, na autoestima, além de ajudar o educando a se expressar.

De acordo com Rosa (1990), a música é um grande auxílio e contribui para o desenvolvimento da coordenação viso motora, da imitação de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal. O simples fato de cantar uma música oportuniza à criança e ao adolescente o treinamento de uma série de aptidões, as quais se mostram de grande importância para seu aprendizado.

Quando perguntadas sobre o que pensam para o seu futuro e o que gostariam de ser, sem muito pensar, as crianças respondem: “Quero ser policial do Bope, ou jogador de futebol”. (ALUNO A); “Quero ser professora, porque eu acho muito legal e eu sempre brinco de escolinha com as minhas irmãs, brinco muito com elas, acho muito divertido”. (ALUNO B); “Quero ser policial civil. Eu faço um curso e tenho amigos

policiais, e meu sonho é ser policial”. (ALUNO C); “Quero ser bailarina ou professora, porque eu tenho muita paciência com criança”. (ALUNO D).

Na instituição, falam do que gostam e daquilo que gostariam ser no futuro, como policiais, professoras, bailarinas, etc. Proporcionar para as crianças e os adolescentes um lugar onde elas conseguem ser elas mesmas e participar de diversas atividades que contribuem para o seu desenvolvimento, proporcionando possibilidades para que possa vir a sonhar e nunca desistir dos sonhos, é de extrema importância para o percurso e crescimento humano.

Requeridas a relatar uma experiência significativa na instituição, disseram: “Minhas amizades, e os professores também, é muito legal”. (ALUNO A); “foi a gravação (clip elaborado no Latarte), e o acampamento que a gente vai fazer, porque eu nunca fiz eu acho que vou gostar”. (ALUNO B); “quando a gente apareceu ao vivo na TV Record, a gente apareceu na dança, e os outros na percussão, no xadrez, nas tarefas”. (ALUNO C); “Eu fiz a gravação na sala de deveres, porque eu tinha deveres para fazer, tem gente que tem vergonha e não aparece”. (ALUNO D).

Na semana anterior ao da visita ao Latarte para aplicação das entrevistas, os educandos haviam aparecido na televisão, em uma reportagem para a emissora Record feita na instituição. Durante a visitação, muitos se aproximaram e contaram com entusiasmo ter aparecido na televisão tocando, dançando ou efetuando alguma outra atividade. Sem dúvida, foi uma bela experiência que levarão para a vida.

Ainda, via aplicativo WhatsApp, foi realizada entrevista com duas ex-integrantes do Latarte. Uma, Maria Carolina, de 23 anos, ficou cerca de 3 (três) anos no projeto. A outra, Camila, de 15 (quinze) anos, participou do projeto durante 8 (oito) anos.

De início, ambas foram questionadas se entendem como importante este tipo de projeto na cidade e por qual razão. Respondem: “Sim, acho importante. Nossa cidade, infelizmente, é repleta de situações que deixam as crianças e adolescentes expostos a riscos sociais. Há aliciamento para crimes, abusos e outros problemas que precisam ser debatidos e vistos. Projetos como o Latarte criam uma proteção para elas, pois fazem eles sentirem que podem ir além da realidade que vivem e criam laços com a instituição que preza respeito, responsabilidade e que visa um futuro melhor para cada membro”. (MARIA CAROLINA); “Eu acho projetos sociais de contraturno muito importantes, porque é uma espécie de política pública que favorece a criança/adolescente como um todo”. (CAMILA).

Aqui, as ex-integrantes falam da importância dos projetos de contraturno escolar, pois além de proporcionarem atividades que favorecem o desenvolvimento dos educandos, também possibilitam um ambiente seguro e de proteção, tendo em vista os inúmeros problemas sociais existentes no bairro.

Questionadas acerca das atividades que mais gostavam no Latarte, respondem que gostavam muito da expressão corporal, isto é, da dança. Em seguida, indagadas se a participação no instituto teria ajudado de alguma forma o processo escolar e sua formação como pessoa e por quê, ditam: “acredito que sim. Com o Latarte fui criando senso de responsabilidade com as minhas atividades escolares, compreendendo que antes que qualquer atividade eu deveria fazer minhas tarefas, com isso até hoje coloco meus estudos em primeiro lugar. Durante meu período no Latarte fiz expressão corporal, que para mim foi muito além de dançar, aprendi a me desenvolver na área da comunicação e a como me impor em público, perdi a vergonha de expor o que penso. Isso me auxiliou em apresentações da escola, palestras e projetos acadêmicos”. (MARIA CAROLINA); “O Latarte me ajudava muito no auxílio das tarefas escolares, eu conseguia tirar as minhas dúvidas que trazia da escola, e como formação de vida eu aprendi a trabalhar em grupo, porque eu participei de um grupo de dança pelo Latarte, no caso, o Latarte me ajudou a entrar, e tinha que ter muita disciplina nos festivais e onde eu ia me apresentar”. (CAMILA).

Veja-se que as meninas relatam sobre a responsabilidade e disciplina que aprenderam frequentando o projeto social, e o quanto isso ajudou no amadurecimento e no desenvolvimento delas como pessoa.

Ato contínuo, foram questionadas se ainda estudam, se trabalham e quais as perspectivas para o futuro. Foram obtidas as seguintes respostas: “Concluí esse mês minha pós-graduação em marketing, criatividade e inovação, que cursei com bolsa mérito estudantil pelo meu desempenho na graduação em design de moda. Trabalho no marketing da empresa AMC têxtil, na marca da Colcci. Pretendo crescer nessa área e almejo me tornar coordenadora/diretora de marketing na área da moda”. (MARIA CAROLINA); “Eu estudo no Instituto Federal no IFC, e estou no primeiro ano do ensino médio. No IFC eu curso agropecuária, e pretendo fazer faculdade de medicina veterinária”. (CAMILA).

As meninas partilham sobre seus estudos e sonhos a serem realizados. Ambas estudaram e continuam estudando, pensando sempre em adquirir mais conhecimento na área em que escolheram.

A entrevista é encerrada questionando-as qual o maior aprendizado proporcionado pelo Latarte e o que levaram da instituição para sua vida. Em resposta, disseram: “Acredito que as maiores experiências dentro do Latarte foram as apresentações, realmente evolui cada vez que me apresentava ao público, percebia a emoção das pessoas com o projeto, e isso foi me dando segurança para perder o receio do público” (MARIA CAROLINA); “O Latarte me ensinou muitas coisas, me ensinou a ter responsabilidade, a ter disciplina, me ensinou a trabalhar em equipe, me ensinou a estudar e a respeitar as pessoas”. (CAMILA).

Para ambas, a disciplina e a responsabilidade foram seus maiores aprendizados, pois proporcionaram viver muitos momentos emocionantes em suas apresentações de dança representando o Latarte. E Camila ainda acrescenta: “Eu comecei a dançar no Latarte com uns cinco, seis anos de idade, então por meio de festivais do Latarte que eu participava eu consegui uma bolsa numa escola de dança do grupo Kaiorra, e lá eu viajei para Paris, viajei de cruzeiro dançando, e isso não teria acontecido se eu não tivesse passado pelo Latarte, se o Latarte não tivesse me ensinado a dançar, e entre outras coisas”.

3.5 OLHAR DA PSICÓLOGA

No mesmo dia de visitação, foi possível conversar com a psicóloga Bruna, que trabalha pouco mais de 1 (um) ano no Latarte.

Dando início   conversa o, questionou-se a ela como é trabalhar num espaço não formal de educa o como psicóloga, obtendo como resposta: “Então trabalhar aqui é uma coisa muito desafiadora, incrivelmente desafiadora porque cada criança/adolescente é um universo, não é nem uma estrelinha é um universo, mas a gente entende que, como a questão da psicologia ela é um pilar importante no desenvolvimento da criança/adolescente, estar num projeto como esse trabalhando com criança/adolescente, ao mesmo tempo que é desafiador ele é meio que natural, porque as criança/adolescente s elas nos comunicam por ser quem elas são, e o que elas precisam n , então a gente estando com a psicologia dentro de um ambiente desses, a gente percebe que é uma contribui o para desenvolvimento dessa criança/adolescente muito grande, e ao mesmo tempo pede uma sensibilidade de você conseguir se conectar com a criança/adolescente, e se deixar um pouquinho de lado, de fato, de você conseguir tirar aquilo de você, aquela impressão que você tem

de primeiro. Porque as vezes a criança/adolescente chega aqui, e eu acho muito curioso, porque principalmente os adolescentes vem em duplas, então uma amiguinha traz a outra, e geralmente a que precisa de ajuda aponta a outra como quem precisa de ajuda. (BRUNA).

Ainda, continua: “Então quando se trata de um ambiente não formal de educação a gente tem daí os desafios né, porque não é uma escola, então de fato não tem uma estrutura escolar, mas é uma instituição educacional cem por cento, porque é todo tempo também, a gente está aqui dentro e eles tem uma educação, a gente precisa de uma regra para estar aqui, então querendo ou não eles são educados para estar aqui, eles são educados para estar nos outros ambientes, então a educação permeia mais ou menos tudo”. (BRUNA).

Para a psicóloga, os espaços não formais de educação são espaços educacionais. Mais que isso, quando se refere ao Latarte, diz ser um espaço 100% (cem por cento) educacional, possibilitando à criança e ao adolescente o convívio com regras e disciplinas.

Demandada a responder se em sua visão tais espaços são importantes para a criança e adolescente e por quê, aduz: “Demais, porque a gente percebe na vida de uma criança/adolescente, por exemplo, você tirar ela do contexto da vida dela, por uma hora por semana, que geralmente é o atendimento psicológico né, então você tira a criança/adolescente do contexto uma vez por semana, uma horinha, o que você trabalha ali ele é efetivo em partes. Ele é efetivo dentro daquele contexto, ele vai gerar uma transformação a longo prazo, enfim, agora quando você tira uma criança/adolescente do contexto dela, e traz para cá todos os dias, dentro de uma disciplina todos os dias, dentro de um método, dentro de um acompanhamento que tenha a família, que tenha a escola, porque a gente conversa com todos esses ambientes né, isso é de fato impactante demais para a criança/adolescente”. (BRUNA).

A profissional ressalta ainda a importância de a criança vivenciar este espaço educacional: “Então o fato delas poderem todos os dias, quatro, cinco horas por dia, serem criança não tem como não ser efetivo, e é isso que o Latarte proporciona em base né, tirando todas as pequenas coisas. Então eu acho que isso é o mais impactante para a criança, ela de fato estar num ambiente seguro, saudável, instruído por uma grande parte todos os dias. Isso faz a diferença, não que o acompanhamento

psicológico semanal não faça, mas isso é muito impactante, faz muita diferença na vida deles”. (BRUNA).

Aqui, a psicóloga relata que a criança, quando tem possibilidade de estar num ambiente seguro, saudável e educacional, vivencia o aprendizado, que se torna verdadeiramente efetivo na sua vida, uma vez que muitas delas não vivem em ambientes saudáveis e nem conseguem experienciar sua infância.

Pensando no caminho que as crianças e os adolescentes percorrem, a psicóloga foi questionada sobre como enxerga o processo desses indivíduos quando chegam nesse espaço educacional e do percurso que ela faz no desenvolvimento das atividades propostas na instituição. Expõe: “Olha é incrível o desenvolvimento, é um negócio assim que você olha para a criança/adolescente e você diz, não é a mesma criança/adolescente sabe, porque tem alguns casos que vieram de realidades muito, muito, muito difíceis mesmo, assim de pais trabalhando em lixão, empurrando carrinho de reciclagem, nada contra né, extremamente digno, mas que muitas vezes o pai e a mãe tem que levar a criança junto, porque não tem com quem deixar, então são situações de muito sofrimento para a criança, e quando ela chega aqui parece que ela não é alguém, que ela é levada pelas situações, e daí quando ela começa frequentar o Latarte, começa ter contato com a gente, começa a ter desenvolvido simplesmente pelo fato de estar aqui, ela passa a falar, passa a se posicionar, ela passa a chorar, as vezes a criança chora e a gente fala, graças a Deus, porque até agora pouco mal respirava, e agora está chorando né, então ela se expressa, e o desenvolvimento delas enquanto pessoas sozinhas com elas, é muito incrível, é um desenvolvimento sem igual”. (BRUNA).

Mais uma vez se visualiza, dessa vez com a psicóloga, a transformação que acontece nos educandos quando começam a frequentar a instituição. O fato de estar ali, participar das atividades, conviver com outras crianças, certamente vai modificando a forma de ser que, muitas vezes, não tem voz, não tem vez, não conseguem nem se expressar, tem autoestima muito baixa, e tantos outros fatores que a tornam uma criança e/ou adolescente retraído. E dentro desse espaço educacional, os educandos vão sendo modificados, tendo esperança e novas possibilidades para se desenvolverem de forma saudável e efetiva.

Ouvindo e acompanhando muitas histórias dos educandos, questiona-se à profissional qual a maior dificuldade enfrentada pelos alunos. Ela responde: “Olha a maior dificuldade é identificar, claro que o contexto delas é esse né, elas não têm

espaço, mas por exemplo, elas chegam às vezes muito quietas e elas conseguem identificar esse silêncio, mas porque eu não falo? Por que eu não me expesso? e aí com o passar do tempo a gente vai percebendo que elas vão se permitindo, eu acho que é isso, é uma permissão de ser criança/adolescente, uma permissão de poder chorar, uma permissão de poder pedir, de dizer qual é a necessidade”. (BRUNA).

Para a profissional, a maior dificuldade da criança e do adolescente quando chega na instituição é conseguir se expressar e identificar suas tristezas e alegrias. É como se iniciasse um processo de autoconhecimento.

Pensando na participação familiar, a psicóloga é indagada acerca de como é a relação do grupo familiar com este espaço educacional. Responde: “Eu posso falar de mim né, do que eu vejo. Pouquíssimas vezes eu chamei um pai que não veio, poucas vezes. A grande maioria deles vem para conversar, e a grande maioria dos pais tem interesse, mas talvez não tenha entendimento o suficiente, então eles até percebem que tem algo que não está legal, mas eles precisam daquele amparo, porque não sabe lidar, aí vem o pai nervoso a mãe nervosa, porque meu Deus meu filho é desse jeito, e você vai ver ele está lá num ambiente em casa que os pais brigam muito, as vezes tem um alcóolatra perto, enfim. Então os pais são efetivos pelo que eu vejo, eles participam bastante dos meus momentos aqui, sempre que os chamo, eles vêm, e o que eu acho muito legal que eles me procuram, não sou só eu que chamo, eles também vêm”. (BRUNA).

Ela fala da importância da família se fazer presente nesse trabalho educacional. E é um trabalho realizado em unidade, mediante participação da instituição, da criança e do adolescente, da psicóloga e das famílias. Ainda, conta que as famílias são bem participativas, o que torna concreto o trabalho realizado. E participar não é apenas estar presente em algo, comparecer e ser um número, mais que isso, é um processo, ativo, interativo, que se constrói (GOHN, 2016, p. 66).

Diante de tantas vivências, ao ser solicitada a relatar uma experiência marcante dentro da instituição, conta: “Eu atendi uma adolescente que as amiguinhas vinham falando dela para mim, que ela tinha alguns comportamentos autodestrutivos, de se cortar, de comer as unhas, enfim. E aí a primeira vez que atendi ela, ela veio com uma outra coleguinha, dizendo que a outra coleguinha estava com problemas. Aí conversei com a outra coleguinha, que realmente tinha problema, mas não era todo o problema né. E aí ela veio conversar comigo, percebi que ela trouxe a coleguinha de isca. E aí ela veio falar de um namoradinho, de um menino que ela gostava, mas não sei se ele

gosta de mim, e lá pelas tantas ela olhou para mim e disse, mas acho que não é sobre isso. Então falei, e é sobre o que? Acho que é sobre o meu pai, e ali ela começou a falar e chorou muito, aí falei, mas onde está seu pai? Está morto. Quando ela falou está morto, ela chorava mais ainda, só que aí parece que encaixou sabe, ela chorava com um sentido, eu posso sentir a falta do meu pai. E conversando com ela a gente foi percebendo que a família dela toda afastava ela do pai, apesar do pai estar morto. A família dizia, não pensa no seu pai, não adianta mais pensar, teu pai te amava, mas ele está no céu, não precisa mais chorar por isso, você não precisa sofrer pelo seu pai que ele está bem”. (BRUNA).

Ademais: “Então nós elaboramos o luto desse pai a um ponto, de que o fato dele estar morto permite que ele esteja com ela a todo o tempo, e que ela não precisa se afastar, e que ela pode se aproximar do amor dela pelo pai, ela pode escolher um objeto para carregar com ela. E desde então cada vez que encontro ela, ela agradece, me abraça, porque aquilo acalmou o coração dela. De fato, ela não precisava ficar longe desse pai, ela podia trazer para perto e estava tudo bem, e que a família precisava desse amparo. Apesar de todos os atendimentos que eu tenho, de abuso sexual, pedofilia, enfim né, eu acho que esse caso foi muito marcante porque foi efetivo, foi muito efetivo, numa seção assim a gente destrinchou, e ela veio por amiga. E então ela parou de se cortar, ela parou de várias outras coisas, foi muito legal e muito certo, e de fato transformou a vida dela porque hoje ela é outra criança/adolescente, a gente vê que ela é outra criança/adolescente”. (BRUNA).

Poder ouvir e amparar crianças e/ou adolescentes nas suas dores, para que possam sentir, compreender e seguir em frente, faz parte do atendimento psicológico que todo indivíduo pode e deve participar. Aliás, não somente os educandos, mas toda a família, para assim poder tocar nessas mudanças tão necessárias em suas vidas.

Quando questionada se na instituição são organizados momentos de escuta com os educandos e familiares e de que forma são realizados, relata: “Sim, eles podem me pedir, assim também como os professores encaminham. Então, por exemplo, dificuldade de aprendizagem, uma possível negligência, violência, enfim, o professor traz a gente escuta, conversa, trabalha, joga joguinhos para que enfim ele assimile as coisas. Sempre tem momentos de escuta, e aqui também os professores me ajudam muito nesse processo, porque eles têm muito esse olhar de ouvir as crianças/adolescentes, então muitos professores já me trazem algo que eles já

relataram, então a gente já consegue trabalhar daí. Então tem momentos de escuta, e em todo o Latarte eles são ouvidos”. (BRUNA).

A psicóloga conta que em toda a instituição as crianças e os adolescentes são ouvidos e que existe uma parceria entre os funcionários e professores, bem como que em muitas situações, levam partilhas e desabafos dos alunos até ela, para que possa ter conhecimento e comece trilhando junto a estes o trabalho psicológico.

Encerrando a conversa, questionou-se à profissional como que as ações realizadas na instituição contribuem para que as pessoas tenham mais espaço na sociedade ou exerçam de fato sua cidadania e por quê. Conta: “Eu posso te contar isso de outro viés né, não sei se a Rose comentou contigo, mas o meu esposo ele foi do Latarte. Ele nasceu aqui no bairro, cresceu aqui no bairro, e eu posso ver hoje os efeitos do Latarte na vida de uma criança/adolescente, eu tenho certeza de que se não fosse o Latarte, meu marido não estaria onde ele está hoje. Porque passar por aqui estimula na criança/adolescente ética, moral, conceitos, valores, estimula que ela se respeite, e respeite o outro. Então eu vejo muito que o fato dele ter uma carreira, ele é arquiteto se formou agora pouco tempo, com mérito estudantil na turma, teve nota máxima, enfim, fez muito sentindo porque quando ele precisou de ajuda, precisou de um lugar seguro para ser ouvido, para ser acolhido, ele teve o Latarte. Então eu vejo que de fato, a cidadania é exercida num ouvir, num olhar, no tirar essa criança/adolescente da realidade que ela está né, quando ela está sendo negligenciada e dar esse apoio, e isso de fato fez diferença na vida do meu marido, e hoje faz diferença na minha, e acaba que tudo tem um resultado bacana no fim né. E eu vejo assim meu esposo é um resultado fiel do Latarte, ele entrou como integrante, por um tempo foi instrutor de percussão também, porque ele já era maior tal, e acabou que fez muita diferença na vida dele, e com certeza se ele foi fazer uma faculdade, se ele conseguir apresentar um TCC, foi porque ele passou por aqui, porque o Latarte estimula tudo isso nas crianças/adolescentes”. (BRUNA).

Nesse momento, ela expõe sua experiência concreta com a instituição, pois na medida em que seu marido integrou o Latarte, possui o conhecimento e sabe da transformação que existiu em sua vida por ele ter frequentado o projeto. Hoje ele é um arquiteto formado e a profissional afirma que tudo o que aconteceu na vida dele se deu justamente em razão da experiência de ser membro da instituição, que tão bem o acolheu e lhe deu possibilidades tanto de transformação quanto de aprendizagens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na instituição socioeducacional Latarte permitiu compreender a importância dos espaços não formais de educação na vida do sujeito. Inegavelmente, tais espaços contribuem de forma esperançosa não somente na vida de crianças e adolescentes que os frequentam, mas sim em toda a família, refletindo, conseqüentemente, na sociedade.

As atividades ofertadas em espaços não formais de educação são de grande auxílio para o indivíduo, uma vez que incentivam à educação e à cultura. Esses espaços dão voz à criança e ao adolescente e são de extrema importância para a sua formação humana, trazendo novas possibilidades e devolvendo, muitas vezes, o direito de sonhar e de lutar pelos seus sonhos.

Frequentando o local, foi possível compreender de forma aprofundada a necessidade de políticas públicas de qualidade, que valorize e incentive esses espaços educacionais que, atualmente, ainda são vistos com um certo preconceito, como se fossem espaços apenas assistencialistas e não educacionais. Como percebido nas entrevistas, para que as atividades continuem sendo ofertadas, faz-se necessário recorrer às iniciativas privadas, tendo em vista que a verba do Poder Público, em sua maioria, não supre os gastos mensais que existem em tais instituições.

A experiência dessa pesquisa também permitiu conhecer pessoas tão envolvidas e comprometidas com a educação e com o bem-estar de crianças e adolescentes, pessoas que se doam pelo projeto, pois sabem da importância na vida de todos aqueles que frequentam o espaço educacional.

São profissionais com um olhar voltado para as necessidades do ser humano, preocupados em gerar transformação na vida das famílias e da sociedade, que unem suas forças e lutam pelo ideal de proporcionar educação de qualidade, uma vez que se trata de um direito de todo cidadão. E esses profissionais não se cansam de buscar parcerias para que a educação seja realidade na vida dos educandos.

Estar presente no projeto social, conversar com as crianças e os adolescentes, as famílias, os gestores e os funcionários da instituição foi de grande riqueza e contribuição para o meu percurso educacional, e fez com que eu pudesse almejar ainda mais ser uma profissional desses espaços não formais de educação, que são tão necessários, porém, tão pouco vistos e valorizados.

Além do conhecimento acerca de tais espaços, a pesquisa me instigou a continuar minha trajetória educacional, buscando novos estudos na área, para poder contribuir positivamente de alguma forma na ascensão desses espaços, tão relevantes no meio social.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 18 maio 2022.

BRASIL. **Lei n. 10.097, de 19 de dezembro de 2000**. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm. Acesso em: 20 maio 2022.

CAMBORIÚ é a 5ª cidade de SC em número de homicídios dolosos no primeiro bimestre de 2018. **Click Camboriú**, Camboriú, 2018. Disponível em: <https://www.clickcamboriu.com.br/geral/seguranca-publica/2018/04/camboriu-e-a-5a-cidade-catarinense-em-numero-de-homicidios-dolosos-no-primeiro-bimestre-de-2018-191240.html>. Acesso em: 25 maio 2022.

ESTEVES, Patrícia Elisa do Couto Chipoletti; MONTEMÓR, Hilda Aparecida de Souza Melo. Uma proposta de educação não-formal: o espaço da criança Análise Franco. *Educação em Revista*, Marília, v. 12, n. 2, p. 109-124, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/2490>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006a.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1/5>. Acesso em: 23 maio 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>.
Acesso em: 15 maio 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006b. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 27 maio 2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchiba. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROSA, Neide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.